

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PARFOR EQUIDADE
SEGUNDA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA

MÔNICA CARDOSO DOS SANTOS NEVES

**ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E DESAFIOS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR NO
ENSINO REGULAR**

Juiz de Fora

2026

MÔNICA CARDOSO DOS SANTOS NEVES

**ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E DESAFIOS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR NO
ENSINO REGULAR**

Trabalho de Formação Docente (TFD) apresentado como requisito parcial para conclusão da Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva (Parfor Equidade), sob orientação da Profa. Maria Beatriz de S. Thiago Ragon.

Juiz de Fora/MG, 10 de janeiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Maria Beatriz de S Thiago Ragon
Universidade Federal de Juiz de Fora
Orientadora

Profa. Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro
Universidade Federal de Juiz de Fora
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ser meu refúgio e minha força em todos os momentos. Foi Ele quem guiou meus passos, acalmou meu coração nas horas difíceis e me deu coragem para seguir adiante quando tudo parecia impossível.

Ao meu marido José Luis, meu companheiro de vida, agradeço por cada palavra de incentivo, por cada gesto de apoio e por acreditar em mim mesmo nos dias em que eu duvidei de mim mesma. Seu amor e sua presença tornaram esta caminhada mais leve e cheia de sentido.

À minha mãe, que sempre esteve ao meu lado com amor incondicional, paciência e compreensão. Sua força e seu apoio constante foram meu porto seguro. Não estaria aqui sem tudo o que você fez e continua fazendo por mim.

Às minhas filhas, Nicole e Maria Luiza, minha inspiração diária. Vocês são a razão pela qual eu me esforço, cresço e persisto. Cada sorriso de vocês reacendeu minha esperança nos momentos de cansaço. Este trabalho também é de vocês.

À minha orientadora Maria Beatriz, agradeço profundamente pela paciência, pelo carinho e pela dedicação com que conduziu cada etapa deste trabalho. Suas orientações, seu cuidado e sua confiança foram essenciais para que este sonho se tornasse realidade. Serei eternamente grata por sua sensibilidade e compromisso.

A cada um de vocês, meu mais sincero e emocionado agradecimento. Este trabalho carrega um pedaço de cada gesto de apoio, cada palavra de encorajamento e cada demonstração de amor que recebi ao longo do percurso.

SUMÁRIO

RESUMO	5
1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	7
3 CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA	10
4 REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência docente que aconteceu em uma escola da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, a partir da vivência em uma turma de ensino regular com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com o intuito de analisar as práticas pedagógicas abordadas no cotidiano escolar, salienta-se que os desafios da inclusão não se restringem aos alunos público-alvo da educação especial. A metodologia utilizada é um relato de experiência, fundamentada na observação do cotidiano escolar, na mediação de conflito, situação de frustração, e na articulação entre teoria e prática. Foi observado como resultado que as situações de imprevisibilidade e desregulamentação emocional podem acontecer repentinamente de diferentes alunos, típicos ou não. Tais acontecimentos exigiram autocontrole, paciência, intervenções pedagógicas com base em acolhimento, escuta sensível e planejamento. Contudo, a educação inclusiva deve ser compreendida como um princípio ético-pedagógico que orienta as práticas escolares como um todo, promovendo a participação, o pertencimento e o desenvolvimento de todos os estudantes.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Prática pedagógica; Mediação de conflitos.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de relatar a minha experiência como professora no primeiro ano do ensino fundamental do ensino regular, em uma escola Municipal de Juiz de Fora. Minha turma, assim como tantas outras, é bem diversificada. Tenho dois alunos autistas, sendo um com o nível de suporte 1 e outro com nível de suporte 3 que me ensinam sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sobre os demais estudantes em minha sala de aula. A vivência escolar despertou em mim a necessidade de adotar práticas pedagógicas diferenciadas, acolhedoras, respeitando as singularidades de cada aluno.

Desse modo, é fundamental destacar que teoria e prática são indissociáveis, uma complementa a outra, pois minha formação teórica serviu de base para enfrentar os desafios da inclusão e me permitiram ter um olhar mais sensível e empático, assim pude construir intervenções pedagógicas mais criativas e significativas que contribuíram para uma educação mais inclusiva.

Na escola é comum ter vários momentos em que o professor precisa mediar as mais variadas situações, porém sempre tem aquele que se destaca e chama mais a atenção. Certa vez, feita aconteceu uma situação que foi muito marcante envolvendo um aluno típico que apresentou um comportamento bastante agressivo durante uma situação de frustração. Esse momento foi desafiador e pôs à prova todo o meu conhecimento enquanto docente. Durante o ocorrido, passava um filme na minha cabeça, pois buscava todo o conhecimento teórico que eu tinha para por em prática. Esse episódio exigiu uma mediação imediata, escuta sensível e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Essa experiência reforçou ainda mais a importância da formação continuada e a parceria entre a escola e família para uma inclusão efetiva. Essa vivência me fez perceber que a educação inclusiva tem muitos desafios, mas teoria associada à prática são fundamentais para o desenvolvimento de uma educação inclusiva, humana e igualitária.

As diversas legislações e políticas públicas voltadas à Educação inclusiva em vigor garantem o direito à matrícula de pessoas com necessidades educacionais especiais, e a inclusão de alunos com autismo (TEA) é uma realidade cada vez mais presente em nossas escolas. Ao dialogar com Veiga-Neto (2007), compreendo que embora exista legislação que garanta o direito, só isso não é garantia de que a inclusão aconteça. Pois, para que a educação seja inclusiva e efetiva é necessário permitir que o aluno participe ativamente, se desenvolva e seja reconhecido em sua singularidade. Desse modo percebo que a educação inclusiva ainda tem muito para avançar, principalmente em relação a alunos com níveis de suporte mais avançados.

Minha atuação como professora no ensino fundamental da rede municipal de Juiz de Fora me colocou frente a frente com essa realidade. Em minha sala de aula convivo com dois alunos com TEA, um com o nível de suporte 1 e outro com nível de suporte 3. Durante o ano letivo passamos por diversos momentos e aprendizados. Passei por situações bem complexas, desafiadoras que me fizeram compreender que a efetivação da inclusão não se sustenta em uma lógica de oposição entre teoria e prática pedagógica, mas na articulação entre ambas. Desse modo, não se deve escolher entre um paradigma ou outro, mas de entender que são complementares e indissociáveis na construção de uma educação inclusiva eficaz e significativa.

Um dos maiores desafios sem dúvida são as crises comportamentais. O aluno que tem nível de suporte 3 apresenta em diversos momentos crises intensas de choro, resistência de entrar em sala de aula, tentativas de agressão contra os docentes e colegas de classe, forte apego a mamadeira, e hiperfoco em carrinhos. Já o aluno com nível de suporte 1 é bem independente, embora apresente dificuldades de fazer a higiene pessoal, se alimenta sozinho, não tem seletividade alimentar, porém tem sensibilidade ao excesso de estímulos sonoros.

Essas diferenças reforçam o quanto o comportamento autista é amplo e requer intervenções pedagógicas personalizadas, bem como precisamos nos adaptar para lidar com a pluralidade de pessoas que se inserem em nossa sala de aula. Não existe uma fórmula mágica que vai funcionar para todos, cada ser é único e o próprio aluno vai sinalizar as suas necessidades e o professor com uma escuta sensível, associando a teoria com a prática, deverá desenvolver um papel mediador promovendo a inclusão escolar do aluno garantindo assim a participação efetiva.

Diante do exposto a segunda licenciatura que cursei na universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) me tocou de forma profunda pois exerceu um papel fundamental no meu processo de formação docente, visto que além de ampliar significativamente meu repertório teórico e metodológico, me permitiu ter uma escuta mais atenta a educação Inclusiva. Ao longo do curso, pude ter contato com várias legislações, políticas públicas voltadas à educação inclusiva e diversos referenciais teóricos que me permitiram compreender a inclusão não somente como um direito, mas como compromisso ético-pedagógico. Essa formação contribuiu para ressignificação da minha prática pedagógica, levando-me a construir estratégias pedagógicas e intervenções mais sensíveis às singularidades dos estudantes, fortalecendo minha prática docente comprometida com a educação inclusiva.

De acordo com Orru, para que a inclusão efetiva aconteça é necessário criar oportunidades para que cada criança explore seus interesses. A minha experiência como professora de alunos com TEA, me permitiu perceber que a inclusão escolar exige planejamento, sensibilidade e reflexão constante. Nesse sentido Orru (2012, p. 45) enfatiza a importância de respeitar as singularidades dos alunos:

A prática pedagógica com alunos com TEA deve ir além de intervenções corretivas e adaptativas superficiais; é

necessário criar oportunidades para que cada criança explore seus interesses, participe ativamente das atividades e construa sua aprendizagem de acordo com seu ritmo e forma de interação. Apenas assim é possível promover uma inclusão efetiva, que valorize o sujeito e não apenas o seu comportamento.

Segundo Mantoan, o sucesso da inclusão depende do professor e da escola adaptarem-se à necessidade de todos. Isto é, a inclusão escolar não pode se limitar ao cumprimento das leis de garantir a matrícula ou a permanência do aluno no ambiente escolar no ensino regular, ou seja, não é somente o aluno que deve se adaptar a escola, mas a escola também deve se adaptar a ele. Para a efetivação da inclusão escolar é fundamental uma transformação efetiva da organização por parte da equipe pedagógica. É necessária reorganização dos espaços, do tempo das atividades e adaptação de materiais. Nesse sentido incluir significa criar condições concretas para que cada estudante participe ativamente de todas as atividades e se desenvolva respeitando suas potencialidades, seus modos de aprender e se comunicar. E o diferente não deve ser visto como um problema a ser resolvido, mas como um processo educativo que demanda práticas pedagógicas flexíveis e intencionais. Mantoan ressalta que:

A inclusão escolar não se resume à presença física do aluno com deficiência na escola regular; demanda a reorganização de práticas pedagógicas, espaços, materiais e formas de interação de modo que cada estudante possa participar, aprender e se desenvolver plenamente. É preciso compreender que cada diferença exige um atendimento específico, e que o sucesso da inclusão depende da capacidade da escola e do professor de se adaptar às necessidades de todos. (Mantoan, 2003, p. 32).

Essa concepção reforça ainda mais minha percepção de que o professor comprometido com o processo de educação inclusiva precisa ser criativo e flexível. Ele deve focar no desenvolvimento da criança e buscar estratégias que vão colaborar para que o aluno aprenda e que esse processo seja prazeroso e significativo, que seja capaz de impactar e transformar vidas de forma positiva. Ademais, os princípios freirianos (Freire, 1996) enfatizam que o ensino deve criar condições para que cada aluno construa seu conhecimento de maneira significativa, e não que ele não deve apenas receber informações.

Durante minha trajetória, em especial na Segunda Licenciatura em Educação Especial na UFJF, pude compreender que a inclusão se constitui como um processo contínuo que exige formação docente, reflexão ética e compromisso com a inclusão. Segundo Maurice Tardif (2002) e Ana Maria Monteiro (2002), os conhecimentos que os professores utilizam na prática pedagógica são um conjunto de saberes complexos. São saberes da experiência, saberes curriculares e os saberes construídos no dia a dia da sala de aula. E esses saberes foram se ressignificando e me permitiram reavaliar minha prática pedagógica, enfrentar os desafios e construir estratégias pedagógicas mais sensíveis que atendessem as demandas dos alunos respeitando as singularidades de cada um.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo relatar e analisar minha experiência com a inclusão de alunos com TEA no ensino regular, evidenciando os principais desafios enfrentados, as estratégias utilizadas e os aprendizados adquiridos ao longo do processo. Acredito que este relato contribuirá para a formação pedagógica de outros profissionais, que assim como eu, muitas vezes nos deparamos com situações dentro de sala de aula em que precisamos nos reinventar, criar estratégias diversificadas, e não sabemos até mesmo por onde começar.

2. CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA

Minha sala de aula é bem diversificada, cada um com seu jeitinho de ser. Têm diferentes ritmos, pensamentos e saberes. Dentro dessa mistura toda, tenho dois alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Eles estão classificados como nível 1 e como nível 3 de suporte. A convivência no cotidiano escolar com a neurodiversidade me fez aprender e ampliou muito o meu conhecimento. Ela me permitiu ter um novo olhar para o processo de inclusão e até mesmo da minha prática docente. Desse modo pude compreender que não se trata de opor teoria e prática, mas de reconhecer que ser uma professora comprometida com a inclusão exige uma articulação entre o domínio teórico e a prática.

Segundo Paulo Freire, a educação se constitui como um processo de construção que se dá de forma dialógica, participativa e libertadora, no qual o educando é reconhecido como sujeito do seu próprio conhecimento (Freire, 1987). Desse modo, vale ressaltar que esse processo de inclusão deve ser compreendido

como uma construção coletiva que envolve vários fatores tais como: articulação entre escola, família e comunidade escolar. É fazer com que o aluno se sinta pertencente ao espaço escolar que ele ocupa, e não simplesmente ocupar o espaço físico, isto é permitir que o aluno participe ativamente do seu processo de construção do conhecimento.

E ser um professor inclusivo é justamente isso, é construir junto e oferecer ferramentas necessárias para que esse processo aconteça de forma leve e significativa. É um retorno muito gratificante para nós professores ver cada conquista de nossos alunos, cada sorriso, cada etapa que ele avança. A partir dessa compreensão, vivenciei uma situação pedagógica que chamou muito a minha atenção e que despertou em mim o desejo de relatar o episódio inusitado que vivenciei.

Certo dia aparentemente bem tranquilo, um dia normal, estávamos no pátio da escola para um momento de brincadeiras ao ar livre. A turma estava super empolgada, pois eles gostam muito de brincar nessa área externa da escola. Assim que chegamos no pátio, dois alunos se ofereceram para pegar a caixa de brinquedos que fica ao lado da sala da educação infantil e, ao retornarem, um deles perguntou: “tia, pode despejar a caixa no chão?”. E eu respondi: “pode”, então os brinquedos foram espalhados pelo chão e toda a turma começou a interagir livremente, criaram brincadeiras, inventaram poses como se fossem tirar fotos, outros brincavam de mamãe e filhinho e etc.

Nesse momento Gabriel (nome fictício), estudante com TEA nível 1, não demonstrou interesse pelos brinquedos da caixa, mas preferiu brincar dentro da caixa de papelão que armazena os brinquedos. Observei que ele ficou entretido por um tempo dentro da caixa de papelão, explorando-a como espaço de brincadeira. Esse momento evidenciou uma forma singular de vivenciar o momento lúdico, explorando a imaginação.

Enquanto isso, Maycon (nome fictício), estudante com TEA nível de suporte 3, brincava sozinho empurrando carrinhos. Depois saiu correndo até o bebedouro e ficou com a roupa toda molhada. Tentei arrumar uma roupa da escola para ele se trocar, mas ele se recusou a trocar a roupa. De repente Arthur (nome fictício), um

aluno típico, disse: “eu quero o óculos que Gabriel está brincando”. Respondi que ele precisaria esperar um pouco a vez dele e que depois ele poderia brincar com óculos. Ele na mesma hora bateu o pé no chão ficou muito vermelho e ficou muito irritado. Ele disse gritando novamente: “EU QUERO O ÓCULOS QUE ELE TÁ BRINCANDO”.

Tentei convencê-lo falando pausadamente, mas nada adiantou. Então, ele olhou ao redor, pegou a tampa de uma lixeira grande e azul e arremessou com toda força bem longe no chão do pátio da escola. Eu solicitei que ele pegasse e colocasse de volta no lugar, mas ele se recusava dizendo que não iria pegar. Nesse momento, uma professora de apoio (PDA) que é responsável por Gabriel e Maycon, se levantou e falou ao pé do meu ouvido “Deixa eu sair daqui! Tá arriscado ele me agredir, porque ele bate”. Assim que ela se levantou, ele se sentou ao meu lado. Jamais imaginaria o que estava por vir. Arthur estava muito irritado porque não havia conseguido o brinquedo que queria e disse: “dá um minuto pra ele me dar o óculos, dá um minuto só”. E eu disse: “Não, ele está brincando, deixa com ele depois ele te empresta”. A minha preocupação naquele momento era imensa, pois o Gabriel se desregula com muita facilidade, e receei que ele pudesse ter uma crise. Foi nessa hora que Artur começou a me bater. Me deu dois tapas no braço e eu disse para ele parar com isso, que era uma enorme falta de respeito. Foi então que ele me disse: “Eu já tô acostumado a fazer isso”. Fiquei chocada com essa situação pensando que absurdo apanhar de uma criança de cinco anos, estudamos tanto para isso? Fiquei me questionando.

Após algumas tentativas de acalmar a situação, ele me agrediu novamente. Na hora, minha única reação foi segurar a mão dele, para ele parar de me agredir. No mesmo instante, ele começou a gritar. Após o incidente, comuniquei o fato à PDA e dirigi-me à coordenação para relatar o ocorrido. A diretora me orientou que, em situações futuras, sua presença seja solicitada imediatamente, alegando ter maior controle sobre a conduta do aluno. Contrapus argumentando sobre a imprevisibilidade e a rapidez da reação do aluno, pois foi tudo muito rápido.

Quando retornei para o pátio junto com a diretora, o aluno já havia voltado a brincar como se nada tivesse acontecido. A diretora chegou perto dele e abaixou até ficar com o rosto à altura do Arthur, segurou em suas mãos e manteve o contato

visual. Ela utilizou linguagem afetuosa para se dirigir a ele. Nesse momento, a postura de Arthur transformou-se, aparentava ser uma outra criança, seu rosto expressava uma postura de vítima totalmente diferente. A intervenção da diretora limitou-se a solicitar um pedido de desculpas aos docentes presentes, o que foi acatado pelo aluno, e assim encerrou-se a mediação daquela situação.

Depois que a diretora se retirou, ele foi até o Gabriel e puxou o óculos com tanta força que conseguiu quebrar. Gabriel começou a chorar e todos que estavam ao redor pararam o que estavam fazendo e ficaram observando aquela cena. Depois disso, percebi que uma intervenção pedagógica era necessária. Primeiro, afastei-o do grupo para garantir a segurança e diminuir a tensão do momento. Mantive uma postura calma e firme, expliquei que comportamentos agressivos não são aceitos na sala de aula e repassei os combinados da nossa turma. Em seguida conduzi o Arthur à um local mais tranquilo, onde pude ouvi-lo sobre o que estava sentindo. Expliquei a importância de respeitar o colega e aguardar a sua vez, reforçando que, quando quiser algo, deve utilizar palavras para expressar seus desejos e frustrações.

De acordo com Mantoan (2003), na educação inclusiva salienta que todo ser humano é educável e possui capacidade de aprender, ainda que em tempos e modos diferentes. Com base nesse princípio resolvi trabalhar com ele alternativas de resolução de conflitos, orientando sobre como pedir ajuda, como expressar suas emoções e sentimentos, negociar o uso do brinquedo e lidar com o momento de espera. Após a reflexão, incentivei o aluno a pedir desculpas. Utilizei um jogo bem simples: “Passa a Lata”. Nessa atividade, toda a turma senta no chão formando um círculo e enquanto a lata vai passando, cantamos uma música que diz : “passa a lata sem parar se você ficar com a lata uma letra vai tirar”.

Essa brincadeira foi uma forma lúdica, uma estratégia de intervenção pedagógica que utilizei com o intuito de trabalhar a paciência, o respeito à vez do outro e controle da frustração. Além disso, é uma brincadeira que envolve toda a turma, todos participam e aprendem brincando. Expliquei passo a passo sobre as regras do jogo e incentivei os alunos a esperarem sua vez e a compartilharem o objeto de forma adequada. Após a atividade, conversei com Arthur sobre como se sentiu ao esperar e compartilhar e pude observar que ele participou e demonstrou

autocontrole, percebi que ele ficava tentando esperar chegar a sua vez de segurar a lata. Elogiei o seu esforço, ele sorriu, foi bem legal.

No final, esse episódio se encerrou com o registro e a comunicação da família sobre o ocorrido, após a articulação com a família decidimos manter um acompanhamento que será feito para apoiar o desenvolvimento emocional e social do aluno. Segundo Freire, “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1987. p 57). Busquei dialogar diretamente com o que Freire propõe, já que entendo que a prática docente não se constrói de forma isolada. Percebo que é no coletivo, nas relações e no cotidiano que o fazer pedagógico ganha sentido e desenvolve suas habilidades.

Foi nesse cenário que a vivência relatada se constitui como uma experiência que me atravessou e me levou a refletir sobre minha própria prática docente, me fazendo refletir sobre minhas concepções, metodologias e maneiras de mediar conflitos no contexto escolar. De acordo com Freire, “a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1996), desse modo compreendo as transformações provocadas em mim por essa experiência que passaram a impactar diretamente em minhas ações pedagógicas. Desse modo, o coletivo não se apresenta apenas como apoio, mas como elemento formador, capaz de produzir aprendizagens e ressignificações na minha prática docente, contribuindo para uma educação de qualidade verdadeiramente inclusiva e equitativa.

Acredito que é nessa perspectiva inclusiva que todo professor deve estar engajado, preocupado em fazer a diferença na vida de cada aluno, promover um ambiente inclusivo rico de estímulos, carregados de significados onde o professor tenha o prazer no que faz e que goste de estar naquele lugar e auxiliar o aluno em tudo que for preciso para construir a sua história.

3. REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA

Durante as aulas, a convivência com os alunos com TEA, pude observar que cada aluno é um ser singular, cada um tem o seu tempo, o seu modo de ver o mundo e de aprender. O fundamental é respeitar as singularidades e demandas de todos. É nesse sentido que o professor deve ter organização e planejamento, deve

desenvolver estratégias pedagógicas individualizadas e adaptar a realidade de cada aluno. Essa reflexão me fez compreender que a inclusão se constrói por meio da articulação entre formação teórica, conhecimento das legislações e reflexão permanente sobre o cotidiano escolar, sendo a formação continuada um elemento fundamental para o fortalecimento da prática docente. É no cotidiano da sala de aula que esses conhecimentos ganham sentido, materializando-se por meio da escuta ativa, da sensibilidade pedagógica e da organização constante do ambiente e das atividades, buscando favorecer o bem estar, a participação e o sentimento de pertencimento de todos os estudantes (Mantoan, 2003).

A intervenção pedagógica utilizada trouxe um retorno bastante positivo, percebi impactos significativos, tanto para os alunos, quanto para a minha vida profissional. O acolhimento, a escuta como forma de mediação de conflitos contribuíram para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e até mesmo o sentimento de pertencimento dos alunos. Para mim essa experiência reforçou a importância da formação continuada e evidenciou que o trabalho docente se constrói em parceria. O professor sozinho não consegue desenvolver o seu trabalho, pois é necessário o apoio de toda a equipe escolar e articulação com a família, só assim o trabalho se desenvolve e rende. Os alunos ganham, o professor ganha, a escola cresce, ou seja todos ganham.

Essa experiência me levou a refletir sobre os obstáculos e os limites da educação inclusiva no fazer docente, que envolve todos os estudantes que participam dos movimentos de sala de aula. Pude observar que cada situação demanda criatividade, paciência e tomada de decisões e respeito às diferenças. Durante o processo é comum errar e acertar, daí a importância de o professor rever as estratégias utilizadas, o que deu certo o que não funcionou e assim aprimorar sua prática pedagógica. Essa vivência se alinha com Paulo Freire (1996) ao dizer que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar condições para que cada aluno construa sua aprendizagem. É fundamental o professor criar condições para que os alunos possam experimentar, interagir, expressar-se, isto é preparar o ambiente para uma educação mais inclusiva e acolhedora. E essa inclusão perpassa não só os estudantes público alvo da Educação Especial, mas todos que compõem a comunidade escolar e a minha atuação docente. A vivência na sala de aula mostra que a educação inclusiva requer além de conhecimento teórico, uma escuta ativa,

planejamento, sensibilidade e estratégias para contribuir com o processo de aprendizagem e desenvolvimento de todos.

Nesse sentido, conforme Dewey, “A educação não é preparação para a vida; a educação é a própria vida. A experiência educacional é o que nos transforma, porque o que nos acontece nos ensina e molda nossas ações futuras.” (Dewey, 1995, p. 27). Compreendo que a presença de estudantes atípicos na escola de ensino regular exige reorganização das práticas pedagógicas, no entanto, esse é um movimento demandado por todos os estudantes que passam pela escola. A flexibilização curricular e a construção de estratégias que pensem nas singularidades do desenvolvimento, comunicação e interação social (Mantoan, 2003; Brasil, 2008) fazem parte dos movimentos educativos escolares. A inclusão quando sustentada por práticas pedagógicas intencionais, planejadas, não só garante o acesso à escola, mas promove a participação, o desenvolvimento e contribui para o processo de construção do conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada reafirma que a educação inclusiva não se constrói a partir de respostas prontas ou modelo preestabelecido ou predefinido, mas nos desafios do dia a dia do contexto escolar. O episódio relatado evidencia que a frustração, o conflito e a imprevisibilidade fazem parte do nosso cotidiano da sala de aula e exige do professor uma postura mediadora, ética e comprometida com a educação inclusiva. Por inúmeras vezes ficamos esperando que os problemas e as situações difíceis irão emergir dos alunos atípicos, mas elas estão sujeitas a surgirem de todos os lugares.

Essa quebra de expectativa é muito relevante porque o foco muita das vezes está atrelado ao laudo, a deficiência, mas na verdade deveria estar na falta de preparo, na formação precária docente, no despreparo da escola em lidar com esses entraves. A escola deve estar preparada para atender a demanda de todos os alunos, a inclusão é para todos. A maior dificuldade não foi a de incluir e sim de fazer com que todos os alunos se sintam acolhidos, ouvidos e pertencentes do espaço escolar que ocupam, mesmo diante dos sentimentos de raiva, medo e frustração.

O presente trabalho reforçou ainda mais a importância de que garantir a educação inclusiva vai muito além de garantir a matrícula no ensino regular. Lecionar em uma turma heterogênea, tão diversificada, com alunos com TEA e níveis de suporte diferente, permitiu compreender que não se deve rotular, ou colocar todos em uma só gaveta, pelo contrário, cada estudante tem demandas diferentes que merecem atenção, acolhimento, escuta sensível e estratégias de intervenção diferentes de acordo com as suas singularidades.

A prática docente associada à teoria, são elementos fundamentais para enfrentar os desafios da sala de aula, organização e planejamento contribuem para que esse processo aconteça. Percebi que não há uma receita pronta ou uma fórmula mágica, porém é necessário criar estratégias, adaptar, experimentar, refletir sobre a prática pedagógica e preparar um ambiente acolhedor e participativo.

A estratégia de intervenção utilizada evidenciou que momentos de conflito e frustração podem ser transformadores quando mediados com sensibilidade e criatividade. A minha experiência me levou a entender que a educação inclusiva requer articulação entre equipe pedagógica e envolvimento da família como reforçam Freire (1996) e Mantoan (2003).

Contudo, essa vivência me fez compreender que a formação continuada é indispensável para criar práticas pedagógicas significativas e inclusivas. Ser professor vai muito além de ter uma sala de aula com alunos, pois requer compromisso ético, constante reflexão, criatividade e flexibilidade. Assim a inclusão tem um poder transformador, capaz de impactar a vida não só dos estudantes mas de toda comunidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, 7 jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. Tradução de Anísio Teixeira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores: entre saberes e práticas. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, p. 73–95, set. 2002.

ORRÚ, Sílvia Ester. *Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes*. Petrópolis: Vozes, 2012.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. Inclusão e exclusão na escola: questões contemporâneas. In: VEIGA-NETO, Alfredo. *Cultura, currículo e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 185-202.